

CONTEXTO PASTORAL

Suplemento
do Jornal
CONTEXTO
PASTORAL nº 19
Março/abril de
1994

8

Debate

Sexualidade: uma questão teológica?

Vocês que se amam,
comam e bebam,
te ficarem
embriagados de amor!"
cantares de Salomão
1b

SEXUALIDADE E ÉTICA
As práticas sexuais e
todo o que diz respeito
às questões da
exualidade sempre
foram tabus para as
igrejas. No entanto, a
temática tem amplo
espaço quando se trata
do controle e do
julgamento do
comportamento moral.
A relação entre a
expressão do corpo e a
ética protestante é
trabalhada por José
Lima Junior e Marcos
Schaeffer em artigos nas
páginas 3 a 12.

CASAMENTO:
O CREPÚSCULO
DA PAIXÃO?
Paulo Cézar Loureiro
Botas pensa a questão
do casamento e
constata que as novas
gerações ainda
precisam de ritos e
mitos para a
institucionalização do
seu amor. Páginas 13 a
16.

POR UMA TEOLOGIA
DA SEXUALIDADE
A elaboração de uma
Teologia da
Sexualidade é a
proposta do pastor
anglicano Robinson
Cavalcanti. Páginas 17
a 23.

TRANSCENDÊNCIA DA PAIXÃO

O tema é tabu para muitos, revolucionário para outros e há quem diga que equivocado, quando se refere à questão eclesial... Seria esse o caminho mais adequado para enfrentar um tema polêmico, ou ao menos um tema que atinge a todos os seres humanos? Desde os estudos psicanalíticos e as análises mais argutas sobre nossa cultura ocidental não se pode deixar de considerar a sexualidade e suas repercussões sobre as histórias pessoais, familiares e, por que não dizer, de comunidades inteiras.

O gesto criador e de prazer que supõe a vida sexual seria simples, direto e qual brinquedo de crianças, se os atores envolvidos não tivessem sua história. Particularmente as histórias de negação do corpo como parte do ser, o que o torna apenas um veículo do espírito, bem ao gosto dos gregos, heranças assumidas pelos cristãos.

Talvez os cristãos fiquem sem jeito diante das afirmações mais pragmáticas de realização da vida humana sem transcendência. Essas afirmações que



Piers Cavendish

invadiram o Ocidente desde o século XVI não deixaram muito espaço para os sonhos do Reino e seus sinais nos tempos. Ficar sem jeito, porém, não deveria tornar-se uma confusão de conteúdos. A questão da sexualidade tem sido misturada historicamente com falta de transcendência ou "vínculo a prazeres da carne"... É possível olhar para o tema e abordá-lo de modo diferente? Os tempos nos desafiam a ter mais criatividade e sinceridade sem fugas.

Nesse tom e perspectiva, fazendo da tranquilidade que emana da aproximação aberta, sem ser infantil, do tema é possível inverter o vetor da história que a civilização tem legado aos cristãos no trato da sexualidade. Para efeito de exercício-proposta por que não pensar a sexualidade como a transcendência da paixão, como sinal aperitivo das possibilidades incontáveis de realização do ser? Paradoxo, talvez, mas criativo paradoxo de uma transcendência imanente à vida: brinquedo do corpo e motor do afeto.

Viajar pelas páginas de *Debate* é mergulhar nessa reflexão. Vale a pena conferir.

DEBATE

Suplemento do jornal
Contexto Pastoral nº 19
Março/abril de 1994

Publicação do Centro
Evangélico Brasileiro de
Estudos Pastorais –
CEBEP (Rua Rosa de
Gusmão, 543 – 13073 –
Campinas SP –
Tel. e fax: 0192-411459)
e do Centro Ecumênico
de Documentação e
Informação – CEDI
(Rua Santo Amaro, 129 –
22211-230 – Rio de
Janeiro RJ –
Tel. 021-2246713 e
fax: 021-221-3016)

Neste número:
Editor
Luiz Carlos Ramos

Editores-assistentes
Magali do Nascimento
Cunha
Paulo Roberto Salles
Garcia (MTb.18.481)
Carlos Cunha

Conselho editorial
José Bittencourt Filho
Marcos Alves da Silva
Paulo Roberto Rodrigues
Rafael Soares de Oliveira

Diagramação
Anita Slade
Fotolito e Impressão
Tipográfica Comunicação
Integrada

Tiragem
10 mil exemplares

A ÉTICA, NA PRÁTICA, É OUTRA

Marcos Roberto Inhauser

Sexo é a coisa mais praticada e a menos conversada entre os evangélicos, mesmo sendo o sexo considerado uma bênção de Deus. O tema é proibido nas igrejas, sejam brasileiras, latino-americanas ou hispânicas nos Estados Unidos. São raríssimas as exceções à regra da inexistência de um currículo de educação sexual sob um ponto de vista cristão. No entanto, os evangélicos são os maiores entendidos no assunto, principalmente quando se trata de julgar o comportamento moral dos outros. Como entender isso?

Utilizando dois currículos, um explícito e outro oculto, a Igreja tem ensinado a ver o adultério, a fornicação, a prostituição e outras coisas parecidas como forma de quebrar o pacto de fidelidade a Deus e ao cônjuge. O emprego predominante do currículo oculto evita os temas mais controversos da sexualidade humana. O currículo explícito, por outro lado, não aprofunda a ponto de esclarecer, educar e preparar o evangélico para a vida sexual. Usa-se um vocabulário técnico, limitado e generalizado, em que as conclusões práticas são feitas por dedução inferida de afirmações estereotipadas. Assim, o conhecimento do certo e do errado é obtido por dedução e não por informação.

A consequência disso é que se cria um amontoado de valores éticos, em que cada um conclui o que quer, muitas vezes influenciado por traumas na área. Dessa maneira, o senso comum ético do evangélico é produzido mais por uma projeção de traumas e medos que

por uma orientação positiva sobre o tema. É por isso que a fobia aos temas sexuais está sempre nas igrejas e nos cren tes, e a atitude diante do tema é muito mais de condenação que de afirmação.

A ÉTICA SEXUAL EVANGÉLICA TRADICIONAL

A compreensão do universo ético sexual dos evangélicos na sua formulação tradicional pode ser dividida de várias formas. Uma delas está relacionada com os valores amplamente aceitos (condenação do adultério, poligamia, bestialismo, homossexualismo, etc.) pela quase totalidade das igrejas evangélicas, sejam elas fundamentalistas, conservadoras, evangelicais ou liberais. Por outro lado, a ética sexual pode ser dividida em duas etapas, correspondentes aos períodos de relacionamento com o sexo oposto: o namoro, o noivado; e o casamento.

A prática educativa das igrejas evangélicas coloca uma ênfase bastante grande na conversão do jovem, mediante uma experiência pessoal e regeneradora, que o tira da vida de pecado para uma nova vida, o que, em termos práticos e sexuais, significa a mortificação dos desejos "carnais". Esse processo de sublimação dos instintos sexuais via abstenção é ensinado como sendo possível por meio do crescimento espiritual, fruto da leitura diária e regular da Bíblia e da prática da oração, o que produz maturidade espiritual que se traduz na maturidade sexual e



no domínio próprio, entendido como sublimação dos instintos sexuais.

FORMULAÇÃO ÉTICA TRADICIONAL SOBRE O NAMORO E O NOIVADO

Assim entendido, os jovens evangélicos são orientados a ter uma conduta "séria" no namoro e noivado. Por se tratar de uma relação sentimental, o jovem deve estar seguro dos seus sentimentos e da "vontade de Deus". Este último elemento joga um importante papel, pois acaba por constituir-se em algo tão ou mais importante que o amor. Casos mais extremos desenvolvem um processo místico de reconhecimento da "vontade de Deus", coisa que às vezes cega o processo de conhecimento real do outro. Não raras vezes, o elemento "vontade de Deus" acaba sendo utilizado, por boa ou má fé, como instrumento pressionador sobre o(a) parceiro(a), de forma a prosseguir ou romper a relação sentimental.

De qualquer maneira, a ética evangélica ensina que o namoro e noivado são uma tentativa de diversão, um algo-que-se-faz-por-não-ter-o-que-fazer, mas uma relação séria, como um pré-matrimônio ou uma ante-sala do casamento. A prática de vários namoros sucessivos não é apoiada por essa ética, que prefere ver a relação sendo levada até o fim, que é o casamento. Casos mais radicais entendem o namoro como uma primeira etapa do matrimônio, na qual a ruptura dos laços é equivalente ao divórcio. A fundamentação desse tipo de posicionamento está baseada no fato de que não há na Bíblia a situação de namoro ou noivado, e que isso é uma

invenção pagã. Para estes, a Bíblia só contempla as situações de solteiro ou casado, pelo que, um estado intermediário foge aos propósitos divinos. Além disso, afirmam, ao aceitar-se o estado intermediário do namoro e do noivado, a Igreja dá seu aval a uma situação que, se não é de pecado, pelo menos é de tentação, uma vez que, ao permitir uma relação sentimental mais íntima, estão promovendo a intimidade física, sinônimo de fornicação. Para estes, o jovem evangélico só deve comprometer-se com uma relação que esteja disposto a levar às últimas consequências, durante a qual não são permitidos os contatos físicos. Não raras são também as afirmações de que um período de namoro prolongado deve ser visto como lascivo, formulação esta encontrada até mesmo no Catecismo Maior de Westminster.

Na compreensão tradicional, o jovem evangélico deve buscar uma jovem também evangélica. O postulado de que não há comunhão da luz com as trevas se constitui em formulação ética com requintes de absoluto. Em muitos círculos evangélicos recusa-se dar a bênção matrimonial a uniões compostas por evangélico e não-evangélico. Pela declaração de vários autores de livros na área e pelo testemunho de jovens, percebe-se que uma das razões para isso está numa suposta "segurança contra a fornicação", porque, se ambos estão orientados pela Palavra e pelo Espírito, estarão menos inclinados a ceder aos desejos da carne. Outro argumento é a afinidade de valores éticos, o que facilitará o diálogo e a vida em comum do casal, bem como

evitará aberrações sexuais na vida matrimonial.

Para os setores evangélicos que aceitam a possibilidade bíblica do namoro e noivado, eles os definem como um período de "amizade profunda" e de "busca dos pontos comuns com o objetivo de construir a unidade". Entre estes, há também os que defendem a necessidade de ser o casal composto por evangélicos como *conditio sine qua non* para as bênçãos divinas.

A compreensão do namoro e do noivado como uma "amizade profunda" com vistas ao conhecimento mútuo e recíproco é um eufemismo bem ao estilo do moralismo puritano, para afirmar que o namoro e o noivado não devem ser nada mais que um período de diálogo entre o casal, sem a necessidade do " contato físico". Para tanto, algumas sugestões são dadas aos jovens: evitar estar a sós em lugares escuros ou solitários; procurar distrair-se, jogar e passear em grupo; evitar conversas ou piadas de duplo sentido; evitar leituras ou filmes pornográficos; evitar carícias, especialmente nas zonas mais sensíveis sexualmente; evitar roupas provocativas, como por exemplo as saias curtas ou decotes; etc.

FORMULAÇÃO ÉTICA TRADICIONAL QUANTO AO MATRIMÔNIO

Se o namoro e o noivado são um período de completa abstinência e sublimação, o matrimônio é o período de libertação para a prática sexual. O sexo matrimonial é entendido como uma bênção de Deus, ainda que haja em alguns setores certa incongruência nas formulações a respeito. Isso

assim é porque não poucos pregadores ensinam ou insinuam que o ato sexual é algo que muito pouco tem a ver com Deus, chegando alguns a afirmar que os casais que o praticam com uma Bíblia dentro do quarto estão blasfemando.

mento conjugal genital, desestimulando variações sexuais que não se enquadrem no princípio do "face-a-face". Ao afirmar que a vontade de Deus e as bênçãos estão neste tipo de atividade sexual, por inferência estão afirmando que o castigo

virá pela prática das variações. Esta tese é reforçada pelas afirmações não totalmente explícitas do "leito sem mácula", sempre insinuando como práticas sexuais alternativas e não poucas vezes identificadas como aberrações sexuais.

A virgindade feminina é tida em alta estima, em alguns casos elemento fundamental para que o matrimônio se concretize. Dada a ética que privilegia um elemento passivo na conduta sexual feminina, aliado ao fato de um certo patriarcalismo nas culturas de origem dos escritos bíblicos, a iniciativa para o

ato sexual no matrimônio é, geralmente, uma atividade masculina, e as esposas assumem um papel totalmente passivo, limitando-se a esperar as iniciativas do esposo. Para estas, a iniciativa, se tomada por elas, pode ser entendida como um ato de leviandade e conde-

nável, de inconsistência moral, e até pecaminoso.

A contemplação da nudez do(a) parceiro(a) é outro aspecto no qual o currículo oculto da educação ética evangélica interfere. A forte relação que se faz entre o pecado e a nudez, a qual foi coberta logo após o castigo do primeiro casal, faz com que muitos tenham verdadeiros problemas com o fato de expor a nudez ao esposo ou à esposa. De igual forma, as relações sexuais durante o período menstrual são entendidas como pecaminosas à luz da legislação levítica. Também entra nesse universo uma corrente interpretativa que afirma ser o sexo dado por Deus unicamente para a procriação e não para o prazer. Finalmente, os conceitos de temperança, domínio próprio, lascívia, fornicação e outros entram para regular a atividade sexual. Com isso se pode entender que, para o casal evangélico, muito pouco lhe é dado na vida sexual, ainda que entendida como bênção divina, mas com tantas regras que fica difícil desfrutar os prazeres do sexo. Por outro lado, há quem, por exaltar as bênçãos do sexo, o idealiza a tal ponto, como se fosse o próprio céu, fazendo com que, não poucos, ao não encontrar tal celestialidade, principalmente em função dos problemas normais que surgem num casamento, passam a buscar tal pleroma fora dele.

Como se pode perceber, a ética tradicional é ensinada com um forte elemento repressivo. Tal atitude promove uma conduta legalista, na qual a prática do amor cede lugar a uma prática destrutiva do relacionamento humano. Tal como os legalistas que apresentaram a Jesus a mulher adúltera, estão



A prática sexual do casal está também determinada por certas regras. Uma delas, a qual poderíamos chamar de "regra de outro", é o sexo "face-a-face". Sem entrar em detalhes sobre a extensão do significado e das implicações desta regra, a ética tradicional pretende estimular o relaciona-

mais preocupados em julgar que amar. Esse tipo de conduta, além de limitar as bênçãos do sexo, impede a igreja de exercer o amor para com os "emproblematizados" da vida. É esse tipo de conduta que tem posto à margem do universo de cuidado da igreja as prostitutas, homossexuais, adulteros, etc.

A PRÁTICA SEXUAL DO CASAL EVANGÉLICO

No desejo de melhor entender como os casais evangélicos têm lidado com o tema e a prática sexual, desenvolvi uma pesquisa na área, durante meus estudos com vistas ao Mestrado em Divindade, realizados nos Estados Unidos. Tendo freqüentado as aulas do curso de Sexualidade Humana, e tendo a oportunidade de estar em contato com várias igrejas hispanas da área de Chicago, com a ajuda dos colegas de curso, elaborei a pesquisa que foi enviada a mais de vinte diferentes igrejas da região, a maior parte delas de batistas. A pesquisa realizada, no que pese o reduzido universo (só 93 pessoas responderam ao questionário, num total de 200 enviados), teve o mérito de ser dirigida a um segmento específico da sociedade: casais evangélicos hispanos residentes nos Estados Unidos. Os resultados obtidos, ainda que referentes a um segmento específico, podem ser indicativos de práticas referentes a outros grupos com pontos de contato com o universo estudado.

Os resultados dessa pesquisa vão mostrar alguns dados interessantes, principalmente na distância entre a teoria ética sexual das igrejas evangélicas

e a prática sexual do casal evangélico.

A PRÁTICA SEXUAL NO NAMORO E NOIVADO

De acordo com os dados, a maioria dos entrevistados se casou depois de ter passado pela experiência religiosa da conversão, o que equivale dizer que, no momento do casamento, estavam sob a influência dos valores éticos enunciados pelo ensino de suas comunidades. A ênfase na seriedade do namoro e do noivado não é seguida pela esmagadora maioria dos homens e das mulheres que se casaram depois de ter mais de um(a) namorado(a), mesmo sendo 72% deles evangélicos antes do casamento. Isso indica uma prática que entende o namoro e noivado como uma tentativa mais que um compromisso final. A pesquisa mostra também que há uma prática sexual na época do namoro e do noivado, que se dá pela manipulação dos genitais, pela masturbação recíproca ou outra forma de estimulação ou satisfação sexual. O índice de quase 70% de casais que afirmam ter tido intimidades nesse período é bastante alto num meio em que a castidade é fomentada e a fornicação altamente condenada. Se se toma em conta que 17% responderam que tiveram relações sexuais durante o namoro e o noivado, e que entre estes 12,8% eram evangélicos nesse tempo, a constatação é ainda mais reveladora. Se se considera que 75% deles estão casados há mais de cinco anos e que nos últimos anos o comportamento sexual médio da sociedade em geral mudou muito, sem haver a correspondente educação sexual nas

igrejas, facilmente pode-se concluir que os casais evangélicos não estão levando a sério os ensinamentos éticos da igreja no que ao sexo respeita.

A educação sexual é quase nula. Dos entrevistados, 41,9% declara ter casado sem nenhuma informação sexual ou com um mínimo dela; entre os que eram evangélicos antes do casamento, 51% declaram haver casado sem nenhuma informação ou com um mínimo. Isso evidencia que a prática educativa da igreja na área sexual falha escandalosamente. Por outro lado, se a entrevista tivesse perguntado aos que afirmaram ter tido alguma informação, certamente se descobriria que ela veio de fontes outras que a igreja, sejam os pais, as mães, as irmãs ou irmãos mais velhos, os amigos, os meios de comunicação, a escola. O importante sobre essa informação é que ela não abarca a totalidade, mas se limita à superficialidade e a generalidades.

A PRÁTICA SEXUAL NO CASAMENTO

Sobre a regularidade da relação sexual. A relação sexual é o pão de cada dia, porque 50% disseram que praticam o sexo em dias alternados ou com dois dias de intervalo. Aqui os homens dizem ser mais freqüentes que as mulheres: 35% deles disseram que praticam em dias alternados, enquanto só 14% das mulheres afirmam o mesmo. Há casais que praticam todos os dias (7%). Com toda certeza podemos afirmar que a prática sexual é uma atividade quase diária, e constitui parte integrante da vida normal do casal evangélico.

Sobre a iniciativa para a relação sexual. A iniciativa para a relação sexual é predominantemente masculina: 35% o fazem explicitamente, e 50% o fazem com insinuações. Quanto às mulheres, as que declararam que tomam a iniciativa, disseram preferir fazê-lo com insinuações (34%), contra 17,1% que o fazem claramente. Essa dualidade de comportamento entre o homem e a mulher evidencia uma ética acentuada no machismo sexual, em que a mulher é a parte passiva.

Sobre as condições para a relação sexual. Há consenso no que se refere às condições para o ato sexual. Um clima romântico, a preparação psicológica e estar descansados são os elementos fundamentais. No entanto, o fato de que um maior número de homens tenha dito que o clima romântico é fundamental (11% a mais que as mulheres), evidencia que, ao contrário do que afirma o senso comum feminino, os homens são dados e valorizam o romantismo. Em compensação, um maior número de mulheres afirma necessitar de uma preparação psicológica (um tempo de "aquecimento"?), o que evidencia uma vez mais o que em outras pesquisas similares já se descobriu: os homens são mais prontos para a prática sexual que as mulheres.

O ambiente para o ato sexual também tem seu papel. As mulheres preferem ter relação sexual com pouca luz (45%) ou no escuro (40%), contra 20,5% dos homens que prefere o escuro e 47% à meia-luz. Esses dados podem refletir a dificuldade de que o evangélico tem com a nudez, associando-a ao castigo do casal primeiro.

As relações sexuais durante o período menstrual, ainda que proibidas pelo código levítico por se tratar de período imundo, não são assim encarados por 8,82% dos homens e por 14,29% das mulheres, que entendem que a prática do sexo durante esse período é perfeitamente normal. Dos entrevistados, 18,28% consideram a menstruação um período de abstenção sexual (22,86% das mulheres e 5,88% dos homens) e 15,05% afirmam que essa abstenção é determinada por Deus (8,57% das mulheres e 17,65% dos homens). Para 11,83% a relação sexual durante esse período é pecado (77,14% das mulheres e 14,71% dos homens), mas a grande maioria não vê problemas na relação durante o período menstrual ainda que prefira não fazê-lo (37,63% do total, sendo 37,14% das mulheres e 44,12% dos homens).

Sobre a maneira de relacionar-se sexualmente. A manipulação dos genitais é bastante comum (85%), e só 2% consideram isso pecado. Para o ato sexual, a maioria utiliza mais de três posições diferentes (33%) e 22% praticam todas as posições imagináveis. Isso confirma que a prática sexual do sexo "face-a-face" dá lugar à criatividade, à liberdade e à imaginação. Nesse sentido 50% dos casais afirmam ter liberdade de fazer o que querem, e 20% se contentam com o tradicional.

Sobre elementos acessórios para a relação sexual. A música não tem um papel importante no ambiente da relação sexual. A utilização do espelho é significativa, com 32% afirmado que o usariam. Mas

chama a atenção que 13% consideram o ver-se no ato sexual uma perversão, o que indica uma dualidade em sua ética porque se o sexo é bênção, o ver-se envolvido com a bênção é pecado.

Sobre as formas alternativas de relacionamento sexual. Sessenta e um por cento dos homens dizem gostar de praticar o sexo oral, enquanto só 34% das mulheres afirmam o mesmo. No total, 54,8% o praticam. Isso significa que essa é uma forma de relação sexual bastante aceita, da qual não se fala explicitamente nas igrejas, e que é condenada pelo currículo oculto da ética "face-a-face", mas é prática regular e normal entre grande parte dos casais evangélicos.

Outra forma alternativa à prática do sexo face-a-face é o sexo anal. A maioria não o pratica e o considera perversão ou pecado (48,3%) e 46,2% o consideram uma forma alternativa, ainda que 30,1% afirmem que não gostam. No entanto, 34,4% dos casais afirmam que o praticaram, sendo que 17,2% afirma que o praticam de forma regular, e 13,9% afirmam que gostariam de fazê-lo. Os dados indicam uma forte preferência dos homens por esse tipo de prática sexual (29,4%), contra 11,4% das mulheres que afirmam gostar de praticá-lo, e 6,4% das mulheres afirmam que o praticam embora não gostem.

Outro importante aspecto revelado é o nível de adultério. Se se considera que 23,6% dos entrevistados afirmam haver estado envolvidos em práticas adulterinas e que 3,2% o consideram como uma possibilidade futura, se perceberá que 26,8% dos evangélicos, no que pese

toda a condenação explícita ao adultério, estão violando esse valor ético. Desses, 7,5% são evangélicos desde antes do casamento, e não há nenhum que se tenha convertido no primeiro ano de casamento, nem que se tenha convertido nos primeiros anos de casamento e só 3,2% se converteram depois de cinco anos de casamento. Esses dados são importantes porque indicam que os que se casaram sem a experiência da conversão têm maior índice de fidelidade matrimonial.

Nesse campo deve mencionar-se que os índices para os homens são significativamente maiores que os para as mulheres, fato que pode ser explicado por certa "cultura do adultério" que caracteriza as posições machistas, em que o homem deve ter mais de uma mulher como forma de provar sua masculinidade, como também se pode explicar que o adultério é uma forma de buscar fora do casamento o que não se está encontrando nele. Este aspecto deve ser considerado com seriedade, principalmente quando se considera que o relacionamento sexual do casal evangélico está regulado por uma série de limitações. Dentre os que dizem ter completa liberdade para fazer o que querem no relacionamento sexual dentro do matrimônio, há 4,3% de casos de adultério, mas entre os demais o índice é de 6,5%.

O homossexualismo teve uma alta percentagem de reprovação. Os poucos casos havidos, por terem ocorrido antes do casamento, é possível supor que se trate de práticas homossexuais no período da adolescência, fato compreensível num período de experimentação sexual.

Esclarecedores são os dados sobre os métodos contraceptivos, que mostram a utilização indiferenciada dos vários métodos disponíveis, exceção feita à prática do coito interrompido. Isso, a meu ver, mais que uma conduta ética baseada no episódio bíblico de Onã, que o praticava para não suscitar descendência a seu irmão, deve ser creditado ao fato de que os casais não estão dispostos a abrir mão dos prazeres do orgasmo copular. As cirurgias de esterilização encontram amplo uso no meio evangélico, o que faz ver que os que propugnam o sexo como atividade meramente procriativa não estão sendo ouvidos.

Sobre a imoralidade sexual. Apesar da pesada campanha evangélica contra os filmes pornográficos, identificados como a expressão máxima da perversão sexual e da imoralidade, 60,8% afirmam que já viram algum deles, e 22,5% afirmam que não encontraram nada de anormal. Chama a atenção o fato de que as mulheres se mostrem mais abertas a esse tipo de filme (40%), quando, no geral, elas se mostraram bem mais conservadoras nas demais respostas dadas. Mais significativo ainda é o fato de que 13,9% dos entrevistados afirmam utilizá-los como meio de excitação sexual e só 9,8% as consideram perversão sexual.

AVALIAÇÃO FINAL

A comparação entre a ética pregada e a prática sexual desenvolvida pelo casal evangélico hispano residente nos Estados Unidos mostra um grande abismo entre a teoria e a prática. Alguns dos axiomas

básicos da ética cristã caem por terra quando as portas dos quartos matrimoniais se fecham, mostrando que na alcova matrimonial a teoria não entra da forma como os pregadores gostariam. Ainda que os dados aqui apresentados se refiram a um universo específico, é de se supor que os dados levantados não difiram significativamente em relação ao universo mais amplo dos casais evangélicos, mesmo porque, de modo geral, a propaganda e a televisão norte-americanas são bem mais conservadoras que os similares latino-americanos e brasileiros. Isso nos leva a supor que um estudo desse tipo (que já estou desenvolvendo) com casais evangélicos brasileiros revelaria dados ainda mais contundentes sobre o abismo entre a teoria e a prática.

O que nos leva a encarar com mais seriedade a questão da formulação ética, principalmente buscando entender até onde os princípios éticos ensinados são válidos e verdadeiros. Aliada a isso a igreja deve abordar a questão da educação sexual deixando a atitude omissa e o emprego do currículo oculto para o trato de questões tão importante e cotidiana.

Marcos Roberto Inhauser é pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil e diretor do Seminário Menonita de Campinas/SP.

SEXUALIDADE: REPRESSÃO DO CORPO E ÉTICA PROTESTANTE

José Lima Jr.

A ética se caracteriza por um espaço prático-teórico no qual os problemas da sobrevivência e da convivência se dão de um jeito relativo, isto é, sob relações compostas e opostas. A ética não se define isoladamente, como se fosse uma práxis valorativa absolutamente autônoma e única. Temos que levar em conta as organizações históricas e as motivações básicas da corporeidade, especialmente daqueles corpos situados em questão. Pensar numa ética protestante implica perguntar como os corpos deste segmento religioso realizam sua conduta socioemocional em meio aos aspectos econômicos, políticos e culturais onde vivem.

Falar sobre ética protestante, buscando articular com o fato objetivo/subjetivo da repressão do corpo em sua sexualidade, exige que se toque, mesmo de leve, em alguns tópicos específicos que se engancham na dinâmica economia-política-cultura. Ou seja, tópicos em torno dos binômios capitalismo e sexualidade, protestantismo e sexualidade, machismo e sexualidade.

O corpo reprimido sofre uma negação de seu ser-sendo em tamanha abrangência e intensidade que se torna ainda mais opressivo pensá-lo como portador de uma sexualidade que, à parte de seu ser integral-desintegrado, está a sofrer a mais. A repressão da sexualidade não está dissociada da repressão global do corpo. Sexualidade não é algo de que o corpo possa dispor, como um

acessório ou apêndice descartável. A sexualidade é um dos constitutivos desse feixe misterioso que chamamos corpo. Daí é óbvio: não existe corpo sem sexualidade e nem sexualidade sem corpo; não existe repressão à sexualidade sem repressão ao corpo e vice-versa; não existe repressão que não afete o todo do indivíduo — esse complexo irredutível e múltiplo que, dentre outros momentos, apresenta-se como materialidade- espiritualidade-sensibilidade.

Apoiado nessas considerações, julgo merecedoras de algum debate algumas constatações.

O início da exploração capitalista intensificou a repressão sexual sobre o corpo em função do caráter lúdico da sexualidade. Não sendo ainda um meio para obtenção da maioria, a inutilidade do prazer “roubava” ao capital muito da energia que seria vendida como força de trabalho. O corpo proletário deveria apenas procriar, gerar prole para um exército de reserva de mão-de-obra, contendo, assim, o preço (salário) de sua mercadoria trabalho. Em lugar de se fazer amor, o corpo era como que obrigado a fazer filhos. O beijo passa, então, a ser mais um elemento onírico, conforme tão bem se canta no “Rancho da Goiabada” (João Bosco e Aldir Blanc).

Com seu desenvolvimento, o capitalismo coopta o prazer lúdico e implanta a indústria do prazer sexual. Agora o exer-



cício lucrativo da sexualidade se domestica numa aparente liberação. O lazer é o lícito. O lícito é o normalizado. O normalizado é o útil. O útil é o rentável. O rentável é o meio que aborta a gratuidade.

Pelos escaninhos do poder, pelos meandros do sistema, a sexualidade cotidiana docilmente se alimenta de enganos e não consegue ser a fantasia mágica do corpo. A repressão se reproduz padronizando um modelo de sexualidade que depende de um consumo discriminador de corpos bregas & chiques — todos manipulados, todos estimulados para responder eficientemente como, onde e quando se pode praticar uma sexualidade controlada que garanta a conservação do *status quo*.

Assim sendo, o capitalismo, em qualquer dessas variações citadas, isto é, promovendo uma repressão à sexualidade ou programando uma sexualidade reprimida, alcança recursos que reforçam a estrutura de dominação e negação da dignidade corpórea. E, a propósito, mediada pelo princípio autoritário patriarcal, a formação da moral burguesa encontra na ética protestante uma oportuna aliada.

De fato, de um modo moderno, a ética protestante não repete o equívoco patrístico-medieval de se reduzir a sexualidade à procriação, mas o protestantismo acaba limitando a sexualidade ao sexo circunscrito no casamento, no matrimônio legalmente estabelecido. A ética protestante acata eclesiasticamente aquilo que se declara juridicamente nos espaços do poder legislado pelas classes dominantes.

Dentro do casamento monogâmico, embora não visando

apenas a reprodução, a sexualidade protestante continua, contudo, necessitando de uma teologia para sua ética sexual. Há uma profunda dificuldade em se conduzir sexualmente nas contradições prazer versus dever; fantasia versus verdade; fruição efêmera versus missão eterna... O sexo raramente é vivido como graça-em-si, tem quase sempre um certo tom sacramental, ou seja, funciona como uma espécie de meio-de-graça.

E, quando por algum desajuste intraconjugal ou por inexistência da situação matrimonial, o corpo protestante procura

que o amor (razão e sentido da fidelidade), o amor que realmente conta é qualitativo e, portanto, podendo ser também plural.

Isso nos remete a uma lembrança do corpo protestante como que apresentando uma sexualidade atrofiada. Essa quase castração é decorrente, também, de um desuso sistemático dos inúmeros sentidos do corpo — portas e janelas do erótico.

A ética protestante, obcecada pela palavra, pelo *logos* (quando muito, musicado) restringe a emoção disponível em toda a materialidade corpórea. A sensibilidade capaz de saborar o imediato, capaz de se embriagar com o pictórico, capaz de se ericar com o sugerido, capaz de êxtases ante o plástico, capaz de se emocionar com o toque... Dessa sensibilidade o corpo protestante se sente reprimido e, muitas vezes, sem o saber porque já insensível.

Atendendo e mantendo uma hermenêutica bíblico-teológica que só consegue crer num Deus-Pai, num Jesus assexuado, num Consolador masculino, a ética protestante reprime a sexualidade negando o feminino de Deus, o erótico de Jesus e o maternal do Espírito. Na ética protestante, a mulher ainda carrega o estigma da suspeita. Espiritualidade é um costume que segue o figurino machista e anti-sensual. E quando essa espiritualidade passa pela sexualidade, cabe à mulher um papel de corpo submisso, passivo e resignado.

A sexualidade corpórea no protestantismo confirma a ética que determina como ideal o tripé ereção-penetrão-ejaculação. E nisto consiste a perspectiva que tenta privilegiar

Sexualidade não é algo de que o corpo possa dispor, como um acessório ou apêndice descartável

ra viver sua sublimação sexual: seu gozo é devocional, evangelístico, pastoral, profético, carismático, etc. Há uma transferência da sexualidade carnalmente possível para uma mística de prazer diferenciado.

Na ética do protestantismo, amor e fidelidade se definem de uma forma que promove a estabilidade visível de um tipo de casamento. A dimensão subjetiva do corpo (o amor), na prática, vale menos que a dimensão objetiva (a instituição monogâmica da família). Nega-se ao corpo sua possibilidade dinâmica e variada de qualidade afetiva. Fidelidade é somente sinônimo de exclusividade e não significa prioritariamente sinceridade, autenticidade. A ética protestante não aceita que a fidelidade não se esgota no quantitativo posto

um tipo de desempenho masculinizado, unilateral e finalista. Nessa sexualidade o referencial básico é o homem, a iniciativa é dele, e também dele a prioridade de satisfação.

O machismo protestante é trabalhado na instituição eclesiástica de um modo não escandaloso. A mulher ocupa espaços até onde não comprometa a hegemonia masculina. Para tanto, não há incentivos nem facilitações para uma atuação feminina naquelas esferas e ocasiões em que a mulher escaparia da submissão, da passividade e da designação.

No âmbito doméstico, o machismo protestante é mais sutil e constrangedor. Apela-se frequentemente para pretensas legitimações bíblico-teológicas, especialmente paulinas. Há um desrespeito generalizado à peculiaridade feminina de viver suas emoções e sensações. A maternidade é cultuada em demasia, deslocando a atenção à responsabilidade masculina no interior do cotidiano do lar. O corpo da mãe-esposa acaba sem oportunidade e pique para ser mulher.

Ainda que necessário e imprescindível até, a repressão ao corpo não terá termo apenas se substituindo o atual sistema de produção e reprodução capitalista. O econômico e o político não esgotam o real. A ética capitalista, com sua ideologia que nega a dignidade da sexualidade, não se extingue por decreto ou à bala. Por isso que o sonho e a luta por uma sociedade alternativa têm que prever, contemplar uma nova sexualidade desde já. Essa perspectiva

não é uma simples abertura às questões do corpo e sua sexualidade no rol das propostas de mudanças; essa perspectiva tem que estar nas trincheiras da práxis cotidiana. Senão, "que é isso, companheiro?"...

Essa proposta de uma nova sexualidade também não é mera contestação aos costumes burgueses da cristandade, numa neurótica explosão de desrecalque ou imaturidade político-cultural. Muito mais que isso, creio ser essa alternativa um reposicionamento prático-teórico (portanto, ético)

camente apontam para uma metafísica nos provisórios da história. A sexualidade suscita o encontro dos corpos que se encontram. A reciprocidade é simultânea à identidade. Por isso que o ser da sexualidade corpórea não se confunde nem se restringe ao ter e fazer impostos ao corpo pelos capitalismos privados e estatais. Ter e fazer são mediações e, às vezes, para o ser. A sexualidade não é apenas uma questão de posse ou produção, mas está umbilicalmente ligada ao existencial. A sexualidade é uma das mais genuínas, criativas e gratificantes maneiras de o corpo ser.

Não seria fácil nem rápida, mas seria possível e interessante uma ética protestante não repressiva à sexualidade. O futuro do pretérito da palavra "seria" contém um pouco de desencanto e muito de ceticismo diante da eventual flexibilidade do protestantismo. Um movimento tão aclamado como progressista, na verdade, tem-se caracterizado

institucionalmente como apenas uma "reforma", uma forma diferente e cismática de ser a mesma coisa. Uma forma que se esquia duma radical transformação, duma fundamental inauguração do novo a partir dos símbolos.

As cumplicidades ideológicas do protestantismo com o sistema capitalista reprimem o avanço que acontece minoritário e marginal de clérigos e leigos que sugerem e experimentam uma sexualidade mais digna. Há no protestantismo hierarquizado uma linearidade interpretativa reducionista da sexualidade.



que procure resgatar as dimensões corpóreas que ultrapassam o manipulável psicossomático. O corpo é extensivo ao seu espaço, ao seu tempo. As formas de organização do tempo e do espaço precisam ser erotizadas pelo próprio corpo e não pelas instituições que burocratizam o prazer. Sei que estou sonhando. E acho que o sonho pode ser a comunicação que informa sobre as possibilidades tópicas do utópico.

Ser, corporalmente, além de invadir as categorias do tempo e do espaço e suas interações, hospeda uma subjetividade e uma intersubjetividade que eti-

Acho que isso se desenvolve, por exemplo, a partir do conceito de encarnação do Verbo. Uma incoerência tem que ficar eclipsada: a grandeza gerada carne diminui o gerar da própria carne. O Verbo é tomado literalmente até mesmo como *logos* e, logicamente, não se pode captar o poético. Então José e Maria precisam sofrer algumas negações nos níveis da sexualidade.

Um outro exemplo: Quando se pensa nos anjos que não se casam nem se dão em casamento, logo se conclui a favor de uma assexualidade nos céus. Isto porque se acredita que o sexo só é lícito dentro do casamento, e como no céu não há casamento... E aí a falta de fantasia do protestantismo impede que se imagine uma diversificada sexualidade angelical extramatrimônio.

Porém, o simbólico pode ser diverso: tanto no Éden quanto no Céu, o casamento é dispensado sem se abolir a sexualidade, pois essa lacuna equivaleria a uma supressão/repressão ao corpo — o que é incompatível à idéia paradisíaca de felicidade.

Assim, é de se supor que a vida eterna, tão pregada pelo protestantismo, é também uma vida na qual a sexualidade, livre de condicionantes institucionais, flui e frui embalada de prazer.

Mesmo não sendo mulher (afinal, nem tudo é divino), mas a partir do pouco que consegui assumir desse sexo chamado, paradoxalmente, fraco e frágil, sinto necessidade de pensar a sexualidade sob uma ótica feminina. Não pretendo tomar a palavra da mulher, apenas dialogar — o que já é, creio, algum avanço nessa sociedade machista.

A repressão da sexualidade feminina rebaixa o homem à condição de macho. A própria masculinidade fica reprimida ao se relacionar ao nível da coisificação dos sujeitos. A li-

Na ética do protestantismo, fidelidade é somente sinônimo de exclusividade e não significa prioritariamente sinceridade, autenticidade



bertação da mulher implica, portanto, concomitantemente, a destruição do machismo e o resgate do homem. Isso não quer dizer uma igualdade banal, porque assim acabaria o charme da distinção que seduz com seus mistérios. Significa uma sexualidade que afirma exatamente a alteridade, em que a predominância de valores e práticas está sempre aberto, em mutação, em renovação.

Aliás, a mulher protestante tem referências bíblicas que devem ser recuperadas para

essa nova sexualidade. É o caso de Rute que toma a iniciativa de conquistar Boás, de um jeito bastante sensual e ousado.

Outro caso nessa linha de libertação da sexualidade é o da mulher que regou os pés de Jesus com suas lágrimas quentes, enxugando-os com seus cabelos densos, beijando-os com seus lábios vividos e perfumando-os com óleos para massagens. Imagino o prazer que tudo isso deve ter provocado num homem sensível como Jesus... Imagino, sobre tudo, o prazer daquela mulher, de tão graciosa intimidade, mas que os evangelistas pouco sensíveis não me deram o prazer de saber, pelo menos, qual era o seu nome (Rosa, talvez...).

A sexualidade feminina parece ter conseguido resistir aos (des)valores machistas que minimizam a complexa e múltipla variedade do erótico. Da mulher é que melhor pode surgir uma pedagogia libertadora da sexualidade que nos ensine, pela prática, como usufruir o prazer sem reduzi-lo a uma mecânica convulsa apenas em seu final orgástico. Desconfio de que a mulher, muitas vezes, conhece mais e melhor a sexualidade do durante, do processo, do passageiro, do diáfrano.

Com a mulher o homem pode se salvar dessa sexualidade reprimida, obtusa e abjeta do machismo dentro e fora da ética protestante.

José Lima Jr. é filósofo e poeta, e assessor do Programa de Assessoria à Pastoral (CEDI).

Anotações do autor para mesa-redonda promovida pelo Programa de Assessoria à Pastoral do CEDI (São Paulo, junho/87).

CASAMENTO: O CREPÚSCULO DA PAIXÃO ?

Paulo Cézar Loureiro Botas

O amor é a coisa mais livre quando se desfaz.
Madrasta, Novelli e Cacaso

Pensar hoje a questão do casamento é partir da constatação de que, apesar de toda a crise dessa instituição, as novas gerações ainda necessitam de ritos e mitos para a institucionalização do seu amor. A liberalidade afetiva, a partir da década de 1970, não transformou em quase nada as expressões rituais do amor, ainda que a durabilidade das uniões seja transitória e pouco duradoura. Novos acasalamentos se sucedem e, de uma forma ou de outra, símbolos e ritos são recriados para que, socialmente, possam satisfazer as famílias, e, sobretudo, a necessidade emocional dos que desejam institucionalizar-se.

Na verdade, nenhum símbolo ou ritual poderá responder pela eternidade do casamento ainda que isto seja buscado com todo afinco e garra.

O AMOR: ESPIRITUALIZAÇÃO DA CARNE

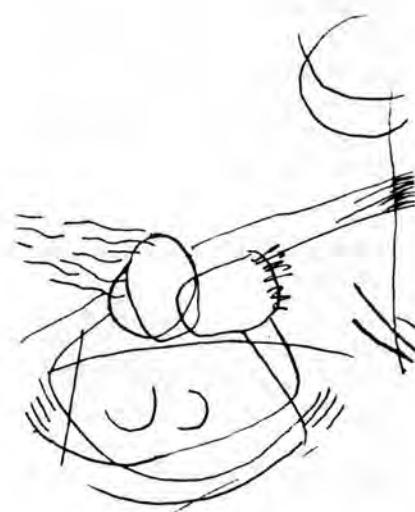
“Só o amor constrói”, diz o ditado. Mas temos descoberto que a sua mediocridade tem tanto poder de desagregação quanto uma bomba nuclear. Todo o mito do amor eterno tem caído por terra e a sua sacralização não resiste à primeira crise matrimonial. Crise que pode perpetuar-se e repetir-se durante os anos da coexistência

conjugal. O ideário, de geração em geração, em que a maioria das pessoas se move, tendo como referência para suas relações, é o seguinte:

1 — É necessário encontrar alguém que “me complete”, que “me realize”. O pressuposto de que nasçamos incompletos e não-realizados desvirtua a totalidade histórica de nossas vidas, as relações sociais que nos produzem e a nossa capacidade de troca afetiva. O girar em torno do seu próprio umbigo é uma constante nessa busca de completar-se e realizar-se por meio do casamento. Não há nenhuma possibilidade de relação e reciprocidade, apenas a ansiedade de um encontro definitivo que nos dê segurança absoluta... até morrer. É a necessidade imperiosa de uma relação sem conflito, harmonicamente estabelecida, cujo equilíbrio viria da perfeita paz e submissão.

2 — O casamento esgota todas as possibilidades da nossa capacidade amorosa. Se há a necessidade, ainda, de amigos e de outras relações afetivas, é sinal de que um não basta o suficiente para o outro. Sinal de que o amor não é bastante forte para a realização e o complemento, *per omnia saecula saeculorum*. Qualquer um outro na soleira da porta ou no horizonte será sempre uma ameaça.

3 — O amor institucionalizado em casamento deverá responder, definitivamente, pela união e felicidade conjugal. O amor é mais importante que o



"instinto carnal", porque esse "instinto" pode ser vivido com "qualquer um".

4 — Quando o casal está em crise, é necessário um filho para que a crise seja superada. Ser pai e ser mãe "amarra" e "freia" qualquer aventura amorosa. O filho une o casal.

5 — O "verdadeiro amor" se transforma em amizade e companheirismo. Com o tempo o casal se acostuma com as crises, superando a paixão inicial do amor.

6 — A mulher tem o papel de "prender o homem". Deve ser esposa, mãe e amante.

7 — O homem, desde que não deixe faltar nada em casa, poderá ter aventuras extraconjogais, porque assim poderá descobrir que "amor, mesmo, só na família", o resto é "pura sacanagem".

Toda esta mistificação do casamento e dos papéis a serem representados para que "dê tudo certo" acaba conduzindo a maioria dos casais a uma farsa permanente do seu amor em nome dos filhos ou dos interesses familiares gerais.

O mais importante é desvelarmos que os papéis se entrecruzam. Se tomamos como rito de passagem o casamento, veremos que o homem, antes de casar, é o grande "comedor", o que "deve aproveitar" antes de "repousar". A mulher é casta, pura, fiel. Após o casamento, o homem é o sustentáculo do lar, o futuro pai de família, o "sério", o "responsável". A mulher deverá fazer tudo para "prender o homem em casa", deverá se tornar a amante ideal e sedutora.

Os papéis se invertem: o homem solteiro combina com a mulher casada. E a mulher solteira com o homem casado. Não é gratuito que existam tan-

tas mulheres casadas apaixonadas por jovens "comedores" e tantos homens casados "recomeçando" com jovens moçolas "inexperientes e sonhadoras".

A impossibilidade de uma vida apaixonada, erotizada e prazerosa dentro do casamento oficial parece ser um estigma profundamente difundido na consciência e na prática da maioria dos casais. A tradição teológica do Ocidente resumiu o casamento à função biológica da procriação, e o "resto" acabou pertencendo ao pecado e ao pessimismo generalizado em relação à paixão. O grande teólogo ocidental, Santo Tomás de Aquino, levado pela doutrina aristotélica da superioridade do gênero sobre a espécie, afirma que o fim primário do casamento é a procriação e seu fim secundário, o auxílio mútuo. Essa doutrina tradicional da Igreja Católica é

Todo o mito do amor
eterno tem caído por
terra e a sua
sacralização não resiste
à primeira crise
matrimonial

normalizadora de toda a sua moral sexual.

Acrescente-se a isso toda a concepção de amor cristão, identificado mais com Ágape do que com Eros. O amor verdadeiro é o da Caridade, no qual Eros é sublimado. Só este amor poderá responder pela perenidade da relação. Há uma legitimada dicotomia entre casamento e paixão. A paixão é pouco concebida no casamento. Na literatura ocidental, o amor apaixonado, supõe-se, só

poderá existir fora do casamento. O "lar" é o lugar do amor familiar e a paixão não tem lugar nele. Para com a esposa, o marido tem apenas sentimentos paternais: respeito, veneração e proteção. Seu amor conjugal é reduzido à piedade conjugal. Quanto à esposa, ela não pode despertar para a paixão e é induzida a ver no marido o pai ou o filho mais velho. Para a paixão há outras mulheres e outros homens. O casamento é o amor legalizado que deve superar a paixão do encontro. Quando este amor desaparece ou esfria, é como se o conteúdo do casamento desaparecesse. Resta tentar manter o morno, o medíocre, o estacionário do amor familiar para se comemorarem as bodas de prata ou de ouro, ainda que sejam em frangalhos.

Para a tradição teológica, desfavorável à paixão, o casamento é o remédio da concupiscência, raiz de todos os males humanos. Como vai rezar São Paulo: "É melhor casar do que abrásar-se" (1 Co 7.9).

Fora do casamento, a paixão é o demoníaco, o desordenado do amor, o passageiro. Dentro do casamento está condenada ao seu crepúsculo, para que nasçam as trevas de um amor medíocre mas mantenedor das tradições seculares de uma prole neurotizada, absolutamente ausente da vida e da liberdade, fiel reproduutora do gênero humano.

A PAIXÃO: A ENCARNAÇÃO DO ESPÍRITO

Não podemos ter nenhuma sombra de dúvida: a paixão, manifestadora da vida e da liberdade, é extremamente ameaçadora para a institucionalização do amor. Ela rompe a

ordem estruturada das coisas, o cosmos no qual cada um desempenha seu papel segundo regras, para instaurar o caos do novo, da possibilidade aberta de autocritica, de correção da rota amorosa, de embelezamento do cotidiano. A paixão é o naufrágio na Vida e no Eros. É movimento, redemoinho, turbilhão, êxtase e contemplação. "O vento sopra onde quer e como quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito. Não te admires de eu te dizer: o importante é nascer de novo" (Jo 3.7).

A paixão é desmobilizadora da institucionalização do amor:

1 — Ela rompe o cotidiano enfadonho e rotineiro da vida conjugal estratificada.

2 — Ela derruba todas as falsas seguranças do casal: a caderneta de poupança, a casa própria, a casa de praia ou de campo, o ótimo colégio dos filhos, as sociedades anônimas, etc.

3 — Ela redimensiona a capacidade, sempre presente, da nova oportunidade amorosa.

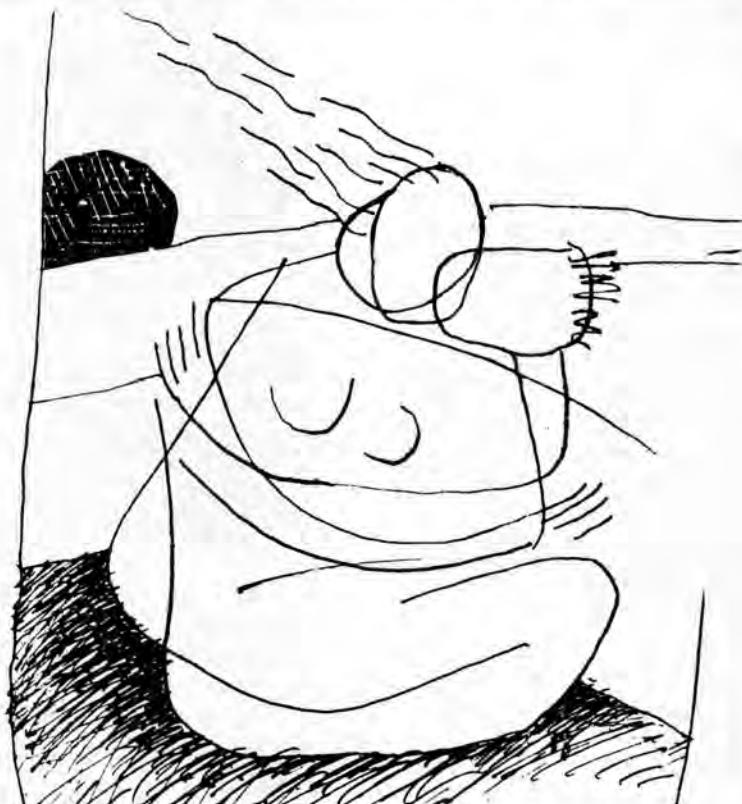
4 — Ela relativiza o ter e valoriza a possibilidade de ser e ser mais do que se conseguindo.

5 — Ela desnuda o homem e a mulher diante de si mesmos, da sua solidão aberta em comunhão, abolindo os sobrenomes, as tradições familiares, os interesses de acumulação e de herança.

6 — Ela desvela, revolucionariamente, a capacidade da transgressão e da proscrição.

Não há paixão sem proscrição e transgressão. Ousaríamos afirmar que todo amor nasce de uma transgressão apaixonada que conduz os amantes a uma proscrição. A

Martha Braga



paixão, ao ser uma alternativa existencial a qualquer relação estruturada, nos coloca diante da nossa verdade e autenticidade e, sobretudo, diante da nossa profunda solidão em ter que vivê-la. É o redimensionamento de que podemos criar e inventar nossas próprias leis e códigos afetivos. É o momento do êxtase da liberdade. Do abandono de, do caminho para... Um movimento de ruptura e de reencontro com suas primeiras opções.

Nessa dimensão de solidão, a paixão tem a força de nos abrir os olhos para que se possa lutar e comungar profundamente a experiência humana. Para que se possam garantir espaços de liberdade e de verdade gerados numa relação amorosa expressa em projetos históricos determinados. É condição da não-submissão e do não-abrir-mão de nossa existência humana e original.

A paixão é considerada demoníaca para os que estão imersos, até a medula, nas regras e leis. Para aqueles a quem a falsa segurança das relações formais e pré-estabelecidas só pode ser rompida debaixo do pano, para salvar as aparências. A paixão nos exige viver às claras. Por isso ela é fruto do Espírito da vida e da liberdade. A paixão é a filha dileta de Eros.

"A verdade vos libertará", afirma o evangelista João.

A paixão nos conduz à vivência humana da solidão e do abandono. Do caminho dificultoso de dar, a cada novo momento, o máximo possível de autenticidade. Ela derruba o conceito pequeno-burguês de autonomia. Do auto-suficiente que pensa não precisar de ninguém. Do que se isola e, porque se isola, nunca viverá a sua solidão feita originalidade a partir da comunhão profunda com a originalidade do outro.

O autônomo é condenado à impossibilidade de viver em comunhão. Viverá sempre entre o oportunismo e o utilitarismo que, no seu limite, se concretizará em ligações de sociedade e de interesses anônimos. A paixão nos faz viver com o outro e não mais do outro. Esta a grande revelação: se o Espírito da Paixão fosse capitalista nunca teria se encarnado, mas teria realizado uma sociedade anônima. Esta é a exigência de Eros que destrói a farsa institucionalizada do amor em casamentos que são verdadeiros anônimos do ser.

A paixão tem a força transformadora da vida cotidiana revelando a possibilidade, sempre presente, de novos encontros que nos conduzam à adoração do outro. Sua sedução amedronta a covardia dos que pensam fazer de suas vidas um ato de coragem ao manter suas máscaras e mentiras. É a revelação do nosso ser ao outro que confere o poder da transformação recíproca da vida. A adoração do outro se faz na nudez da sua verdade. E adorar não é idolatrar criando mitos e formas institucionalizadas de expressão. É apenas o poder de participar da verdade mais profunda do outro, das suas fragilidades e esperanças. É comungar lado a lado, do igual ao igual. Sem barreira. Sem medo. É caminhar junto na lealdade da vida e do projeto histórico.

A paixão nos desvela onde está nossa riqueza, desafiando a uma permanente metanóia o nosso coração. É no coração, centro da vida, que o movimento da paixão se desenvolve e cria raízes. É no presente, no aqui e agora, sem troca de certezas e garantias, mas na troca permanente de possibilidades e

alternativas. Nisto está o tesouro cotidiano da paixão. E repetindo o evangelista: "Onde está vosso tesouro, aí está vosso coração" (Lc 12.34).

A paixão, destruindo a farsa da institucionalização conjugal, rompe com toda a possibilidade de chantagem afetiva, legitimidade como último recurso para a manutenção do casamento. A posse definitiva do outro, ainda que isto lhe custe sua destruição humana.

A propriedade absoluta do outro como coisa ou mercadoria, voltada para seu proprietário: neste momento se exacerba a mediocridade do casamento. Não importa a felicidade do outro mas a minha — e, exclusivamente, minha própria felicidade. O mecanismo desagregador é acionado. Como não posso possuir o outro como coisa minha, quero a sua destruição. Nesta ânsia de aniquilamento revelo-me inteiro aos olhos do outro e a questão definitiva se instaura: como pudemos viver tanto tempo ao lado de alguém sem saber quem ele era na sua profundidade?

Neste momento, o coração se arma de todas as suas razões e impõe a sua negatividade. É necessário dizer não para não submergir. A paixão, então, se reveste de toda a sua força amorosa e reveladora. Só o coração poderá ser juiz ou carrasco. Ela possibilita a revisão crítica do coração, acenando ainda com a oportunidade da transformação. Como a carta do evangelista: "Se nosso coração nos acusa, certamente Deus é maior que nosso coração" (1 Jo 3.20). A paixão é a verdade e a liberdade do amor. Absoluto poder de revitalização. E, como o amor institucionalizado não consegue mais en-

frentar a luz do afeto e da ternura, classifica-a como irracional, escandalosa e demoníaca.

No entanto, a paixão é um estado de graça.

Creio que se poderá viver num estado de paixão dentro do casamento. É necessário, porém, buscar a revitalização permanente da vida, e não se contentar com as falsas seguranças oferecidas, que assumem vários rostos durante a nossa transitoriedade. Status, cargos, poupanças, sobreonomes, sociedades, etc... nada disso acrescenta um quinhão de afeto, de graça e de felicidade ao nosso coração. Viver no limite do impossível é condição primeira da paixão no amor. Caminho de vários prismas, descoberto a cada novo dia. Dar o máximo de autenticidade ao presente de todo dia. Só o pequeno-burguês pensa na sua vida futura e acumula na vida presente.

A paixão nos coloca diante da única certeza que temos: a nossa própria morte. Só o pequeno-burguês acredita que morre velho e por isso mesmo faz todas as concessões no seu cotidiano. Em nome da herança. Em nome da união da família. Do futuro dos filhos. E, como se morre de repente, descobre-se mais tarde que, falecendo na vida, a "união da família" desmorona na hora mesma do inventário. A acumulação do ter é verdadeiramente arrasadora e desagregadora.

Viver a paixão no amor é saber, como poeta, que "para sempre é sempre por um triz".

Por isso mesmo podemos afirmar alto e bom som: fora da paixão não há salvação!

Paulo Cézar Loureiro Botas é filósofo e assessor do Programa de Assessoria à Pastoral (CEDI).

ENFRENTANDO OS DESAFIOS

Robinson Cavalcanti

POR UMA TEOLOGIA DA SEXUALIDADE

Os cristãos brasileiros sentem o urgente desafio da elaboração de uma Teologia da Sexualidade, que leve em conta, de forma ampla e compreensiva, a Revelação Bíblica, a tradição viva da Igreja, o exercício da razão e a experiência individual e coletiva dos fiéis, inseridos no tempo, no espaço e na cultura. Integrariam essa reflexão:

a) Uma Teologia da Criação: É uma premissa básica de que somos seres humanos, não seres angélicos destinados ao céu, nem seres caídos destinados ao inferno. Somos parte do todo da criação terrena. Somos parte da natureza, que é uma natureza também material. Essa consciência de materiali-

dade criada, dentro da pluridimensionalidade do ser, é básica para a superação das distorções do dualismo de fundo grego instalado entre nós;

b) Uma Teologia do Corpo: Somos um todo, inclusive corpóreo. O Senhor assim nos criou, e é assim que somos vocacionados a desempenhar nosso papel de continuadores da obra da criação. Não somos almas aprisionadas provisoriamente num corpo, esperando o momento "libertador" da morte. Não somos nem bramanistas, nem espíritas. Daí esperarmos a redenção corpórea, pela ressurreição do corpo. Lembramo-nos de Lutero, que dizia: "Cristo veio em carne e nunca pecou; Satanás não tem corpo e peca todo o tempo". É necessária uma distinção entre



“carne” como natureza caída e “corpo” como boa criação de Deus. Temas como saúde, alimentação, higiene, educação física, esporte se relacionam com a boa administração do corpo, e a sexualidade por ele se expressa;

c) Uma Teologia do Prazer: Toda a tradição ascética de origem oriental (bramanista, budista) e helênica partem da premissa da relação entre “prazer” e “maldade”. A elevação espiritual (a santidade) passa pela negação do prazer, um certo masoquismo existencial. Essa influência cria uma tradição dentro do cristianismo de um Deus “desmacha-prazeres”. As denominações populares são as que mais restringem o prazer. O ser humano não se dá o direito à felicidade prazerosa. Desconfia-se das boas respostas aos sentidos. Se carecemos de um “santo materialismo”, também precisamos de um “santo sensualismo”. Todo o papel da arte passa por aí, bem como o direito ao usufruir de Eros. Outra vez Lutero nos esclarece: “Satanás foi tão sábio que convenceu os homens de que tudo o que é prazeroso vem dele e tudo que é desprazeroso vem de Deus”. Recuperar o direito ao prazer é um ato de exorcismo;

d) Uma Teologia do Lazer: Os seres humanos, materiais e sensuais, são destinados tanto ao trabalho quanto ao lazer. O lazer é o tempo/espaço para o prazer. Sociólogos apontam para o protestantismo, particularmente o de tradição calvinista, como gerador de uma civilização da ilegitimidade do lazer, e para a relação desse princípio com a ética burguesa e o sistema capitalista. Lazer é “perda de tempo” e risco ao tão temível “prazer”. Até nossas reuniões e cultos têm início

com a expressão: “Vamos começar os nossos trabalhos”. Isso tem gerado uma tensão com as tradições lúdicas, plásticas e sensuais de nossa cultura, em seus traços afro e ameríndio. O *dolce farniente*, o contato com a natureza, a expressão sexual são parte dessa recuperação do direito ao lazer.

A CONTRIBUIÇÃO DA FILOSOFIA

Na elaboração de uma Teologia da Sexualidade devemos buscar subsídios da Filosofia em, pelo menos, três áreas:

Não somos almas aprisionadas provisoriamente num corpo, esperando o momento “libertador” da morte

a) Ontologia: Uma reflexão sobre o ser enquanto ser, à luz da história do pensamento, terá uma contribuição importante à Teologia da Criação e à tarefa de levar o cristão a se aceitar como gente, com todas as implicações dessa condição humana;

b) Estética: Uma reflexão sobre o belo da natureza e do ser humano trará uma contribuição sobre a Teologia do Corpo e a Teologia do Prazer. A preocupação com a beleza, com a plasticidade da ordem criada contribui para a própria humanização e para legitimar o valor das artes e da vocação cristã para a atividade artística;

c) Ética: A sexualidade, fato natural, é também fato social, e essa interação se dá à base de valores consagrados. A ética deve ser refletida, e não um

conjunto de dogmas autoritariamente impostos. O conhecimento das diversas correntes, vividas em distintos momentos históricos, contribuirá para o bom senso da normatividade do erótico.

A CONTRIBUIÇÃO DAS CIÊNCIAS

O conhecimento científico é uma explicitação sistemática da revelação natural, e um valioso recurso para a tarefa teológica. Em relação à Teologia da Sexualidade, destacaríamos:

a) Ciências naturais: a biologia, a anatomia, a fisiologia, a endocrinologia e afins, que permitem um maior conhecimento do corpo humano e do seu funcionamento;

b) Ciências humanas: a Antropologia, a Psicologia, a Sociologia, a História e outras, que permitem um maior conhecimento da mente humana, das inter-relações sociais, das formas e normas da expressão da afetividade e da sexualidade.

Para uma valorização da contribuição científica, ressaltaríamos a necessidade de que ela se dê: a) em caráter interdisciplinar; b) em um pluralismo teórico e metodológico, evitando-se reducionismos e unilateralismos.

ESCRITURAS, TRADIÇÃO, RAZÃO, EXPERIÊNCIA

A reflexão teológica, o posicionamento ético e a abordagem pastoral da Igreja em relação à sexualidade se baseiam em seus critérios de verdade:

a) Escrituras: Como livro sobre a humanidade, a Bíblia tem textos descritivos, normativos e poéticos sobre o tema. Resta distinguir em que cate-

goria enquadraríamos os textos, qual o seu sentido original, mundo e contexto do autor, evitando-se os extremos do legalismo e do relativismo;

b) Tradição: Para os reformados a Tradição, além de subordinada às Escrituras, não tem instituição autoritativa que a interprete, mas deve ser entendida como a vivência, a experiência dos fiéis, histórica e universal. Por ter sido de tal ou qual forma no passado, não tem que ser assim hoje. A vivência é contextual, evitando-se, também, o privilegiar a experiência de uma época ou cultura, em detrimento de outras;

c) Razão: As Escrituras e a Tradição são compreendidas pela mente racional do ser humano (dádiva do Criador), e, em particular, no cristão, uma mente iluminada pelo Espírito Santo. Somos chamados a pensar e não a reproduções automáticas. A lógica, o bom senso, a conveniência são avaliados criticamente pelo cristão;

d) Experiência: A experiência deve ser levada em conta em qualquer assunto: da experiência mística às experiências sociais; das revelações particulares à vivência coletiva. Deve-se evitar o risco da absolutização de experiências individuais ou de determinada coletividade. A experiência — por mais valiosa — deve ser questionada pelas Escrituras, pela Tradição e pela Razão.

Os desafios exegéticos e hermenêuticos são imensos. A tradição fundamentalista tem privilegiado o lugar das Escrituras, a tradição católica, o lugar da Tradição, a tradição liberal, o lugar da razão e a tradição pentecostal, o lugar da experiência. Deve-se buscar uma complementação. O literalismo em relação à Bíblia

empobrece o seu ensino. A inerrância do texto perde a sua relevância diante da errância das leituras e dos leitores. Daí a necessidade da máxima humildade e consciência da limitação e da provisoriaidade de nossos posicionamentos.

O desafio da construção de uma Teologia da Sexualidade nos leva a enfatizar a riqueza e a amplitude do tema e a necessidade do uso dessas ferramentas auxiliares, que concorram para uma diversificada criatividade, quebrando a rigidez da tradição estática, generalizante e normativista.

A elevação espiritual (a santidade) passa pela negação do prazer, um certo masoquismo existencial

ÉTICA, DISCIPLINA E PASTORAL

A amplitude e abrangência da questão da sexualidade é por muitos reduzida às opções concretas e imediatas de natureza ética: o que é certo e o que é errado? Dúvidas, incertezas, nuances, semitons causam tensão, impaciência e angústia nos espíritos mais simples. Se deformações educacionais e sentimentos de culpa conduzem à opção pelos grupos mais sectários e rigidamente legalistas, a preferência por verdades “claras”, mesmo que inconsistentes, leva à transferência da opção moral para o grupo, a instituição ou o líder. Não há a dor da decisão. Tudo já está decidido. A felicidade e a verda-

de são sacrificadas no altar da segurança.

A tradição anglicana tem apontado para três tipos de comportamento, com a seguinte classificação:

a) aberrações: seriam atos graves, contrários à natureza, aos direitos humanos e à revelação: homicídios, infanticídios, lesões corporais, torturas, etc, e que se estenderiam a práticas sexuais “antinaturais”: estupro, zoofilia, necrofilia, sadomasoquismo, prostituição, etc. Seriam distorções graves a serem evitadas;

b) imperfeições: seriam atos, práticas, instituições e sistemas considerados como “aquém” do ideal divino, plena realização humana ou princípios éticos consensuais: a escravidão, a ditadura, por exemplo, e na sexualidade o celibato involuntário, a poligamia, o auto-erotismo permanente, os matrimônios por arranjo, conflitivos, mistos, etc.;

c) *adiaphoras*: são atos, práticas e sistemas tidos como “indiferentes” para a revelação divina, na cota da criatividade humana e da diversidade cultural: comer de palitos ou de garfo e faca, cumprimentar-se com beijos ou aperto de mão. Na sexualidade teríamos os ritos de passagem, posições do ato conjugal, etc.

Nem sempre o enquadramento de uma prática em uma das categorias acima descritas é algo fácil ou pacífico. O aborto da vida do novo ser, pela ótica conservadora, é tido como uma aberração, enquanto pela ótica liberal, do corpo da mãe, será tido como mera imperfeição. A exigência de uma cerimônia de casamento no civil e no religioso fará com que o seu descumprimento seja considerado pelos conservado-

res como uma imperfeição, enquanto para os liberais será catalogado dentre as *adiaphoras*.

Outra divergência está no uso das Escrituras para "desempatar" as dúvidas. Para os neofundamentalistas e para os liberais a coisa é mais fácil: para os primeiros, literalistas, o texto "fala" por si mesmo e ponto; para os últimos não se deve esquentar tanto a cabeça para um livro que não é normativo. Mais complexa é a tarefa dos evangelicais, com a aceitação da normatividade bíblica, mas não do literalismo, o que inclui uma abertura crítica para

Um dado a ser ressaltado é o permanente risco de etnocentrismo do teólogo, tendendo a ver todos os povos e todas as épocas e culturas pelas lentes do seu tempo, do seu povo e da sua cultura.

Outro aspecto que vem sendo revalorizado é o da relação entre o meio ambiente e a sexualidade, em termos de práticas e normas: o inverno inglês (origem dos missionários) resulta em um tipo de "cabeça" e o verão baiano ou carioca (*locus* de muitos fícis) em outra.

A história da cultura, por seu lado, tem demonstrado que

do uma avaliação crítica das mesmas e uma abertura ao que de positivo se possa delas aprender. Hoje, estamos vendo três tendências principais: a) o neo-hedonismo pequeno-burguês dos consumistas; b) o neomoralismo individualista das religiões orientais, das pastorais católicas romanas conservadoras, do neofundamentalismo tradicional e pentecostal; c) e uma ética cultural revalorizada, de um Jurandir Freire, a partir do ético no "homem comum" (versus minorias corruptas).

Cremos que os cristãos deveriam se mover segundo os seguintes critérios:

a) há princípios permanentes, revelados e de validade universal: os alvos éticos a serem permanentemente buscados durante a vida, ao que a teologia tem chamado de santificação;

b) há dificuldades para se discernir, compreender e vivenciar tais princípios. A conjuntura social, a estrutura pessoal e a história de vida de cada um torna esse processo extremamente diversificado;

c) há de se reconhecer uma variedade de necessidades e de possibilidades, o que implica que na vida, quase sempre, é impossível vivenciarem-se todos os valores ao mesmo tempo e com a mesma intensidade, o que nos leva ao estabelecimento cotidiano de uma "hierarquia de valores" por sua importância ou urgência;

d) o ideal de um valor está na socialização de seu gozo: direito à propriedade versus direito de propriedade, por exemplo.

Uma última questão está na relação entre ética, pastoral e disciplina. Há uma distância abismal entre o segredo de um



Labi Mendonça

a contribuição da filosofia e das ciências.

Dentre as disciplinas auxiliares, um papel relevante é o da Antropologia Cultural. Destacamos a contribuição de Charles Kraft com seu princípio da "equivalência dinâmica" versus a tradição da "equivalência estática" entre as culturas dos tempos bíblicos e as culturas atuais.

muito do que se considera como posicionamento "bíblico" não é nem judaico nem cristão, mas helênico, pagão, em suas origens.

O mundo moral brasileiro tem recebido, nos últimos cem anos, o entrechoque e a influência de várias correntes éticas: o moralismo, o positivismo, o tradicionalismo, o revolucionarismo, o reformismo, o existentialismo, etc., caben-

confessionário católico-romano e o "dever" do ministro protestante de "entregar" para o Conselho ou para a igreja o fiel que o procura no consultório pastoral para confessar o que julga ser uma infração à ética sexual.

Há um despreparo em termos de formação psicológica e técnicas de aconselhamento na maioria dos pastores. O tratamento da questão moral ou é legalista ou é demonizante. Dificilmente se indica um tratamento clínico ao necessitado, pois tudo é espiritualizado. E todo mundo tem medo de se abrir, pois no lugar de um apoio pastoral o que se tem é um inquérito policial.

Em nossas igrejas os que pecam por omissão ou pensamento estão livres para julgar os que pecam por ação ou palavras. Os que pecam socialmente estão livres para julgar os que pecam individualmente. Os pecados sexuais constituem uma extensa lista, considerados "mortais", sendo os demais "veniais".

Para os cristãos de mais posses resta pagar ao terapeuta até para o que poderia ser resolvido pastoralmente, apenas em razão da questão do sigilo profissional. Uma contribuição valiosa tem sido dada pelos psicoterapeutas cristãos, embora grande parte deles não tenha sido capaz de dar um salto qualitativo, em virtude de suas convicções a ser, verdadeiramente, uma comunidade terapêutica.

ALGUNS DESAFIOS ATUAIS

A agenda de trabalho, em termos teológicos, éticos e pastorais, é da mais ampla em nossos tempos, em que algumas podem merecer destaque.

a) A procriação: O século XX foi marcado pelo contraste do mais amplo invento e disseminação de métodos de controle de natalidade e a maior explosão demográfica da História. Enquanto as taxas de natalidade declinaram assustadoramente nos países do Primeiro Mundo, elas se mantiveram perigosamente ascendentes nos países do Terceiro Mundo. Resultado: menos ricos para maior riqueza e mais pobres para maior pobreza. A relação se dá, pois, em termos de educação e poder aquisitivo. No Terceiro Mundo as políticas

A amplitude e abrangência da questão da sexualidade é por muitos reduzida às opções concretas e immediatas de natureza ética: o que é certo e o que é errado?

natalistas foram combatidas pelos nacionalistas e pela Igreja Romana. Explosão demográfica e migração campo-cidade se vinculam à favelização e à violência.

Enquanto os protestantes, em geral, têm legitimado o uso dos vários métodos anticoncepcionais não-abortivos, a Igreja Romana tem insistido na exclusividade da tabela do ciclo mensal feminino.

O que é surpreendente é que a bandeira em favor da liberação do aborto venha exatamente dos países com maior poder aquisitivo e do mais amplo acesso aos métodos anticoncepcionais, dentro da ideologia do individualismo de fundo liberal e do secularismo. A posição antiaborto tem prevalecido

entre os cristãos, embora a posição católica romana pressuponha uma ascese e uma disciplina entre os casais e a posição protestante, apoiando o uso de anticoncepcionais, permita uma maior liberdade de expressão erótica entre os parceiros.

O problema desafia a igreja a um maior apoio à educação sexual das massas e a uma atitude pastoral entre as mulheres pobres, as adolescentes e as vítimas de gravidez resultante de violência sexual.

b) As doenças sexualmente transmissíveis: A memória dos efeitos devastadores da sífilis era cada vez mais débil e o avanço das descobertas na área médica, como as sulfas e os antibióticos, concorreram para uma redução das doenças venéreas "convencionais", quando a humanidade foi surpreendida pelo vírus HIV. É possível que o conhecimento científico venha a debelar essa nova epidemia nas próximas décadas, embora o seu efeito atual seja devastador e uma busca parada na revolução sexual iniciada nos anos de 1960. A Aids se constitui em novo espaço de conflito teológico, ético e pastoral: reforça a necessidade da educação sexual e da pastoral de apoio ao portador assintomático e aos doentes terminais. A origem divina do flagelo e o firme desejo de que não sejam encontrados novos medicamentos é a vibrante postura do setor mais moralista da igreja. Para os setores mais progressistas, a Aids deve ser prevenida e combatida, com as pessoas sexualmente ativas, e não desativadas ou enquadradas.

c) O homoerotismo: Um dos subprodutos da revolução sexual foi a maior visibilidade do

homoerotismo e uma maior tolerância a essa prática, primeiramente entre os círculos seculares e, posteriormente, em círculos cristãos, ao ponto de já se falar hoje em uma "Teologia Gay". Essa é uma questãoposta à igreja no Brasil, em geral silenciosa, reafirmadora dos princípios tradicionais ou defensora de uma solução por exorcismo. As causas e as possibilidades de reversão de opção ainda são controvertidas,

particularmente, em nosso país.

Apesar da tutela, do ensino moral e das inibições legais inspiradas na Igreja Romana por quatro séculos, a mudança de atitude da sociedade brasileira, na aceitação dos divorciados e dos "re-casados", é uma das mais rápidas e profundas em nossa história cultural. Entre os protestantes o preconceito é maior do que na sociedade em geral, porém menor

lismo, que se expressa na mídia, nas artes, na literatura e na confecção de artefatos especiais. As causas para o seu mercado consumidor podem ser as mesmas da violência sexual. O seu crescimento após o vírus da Aids e a redução da expansão erótica demonstram o seu caráter nitidamente compensador.

f) Relações pré-cerimoniais: Retoma-se neste século a discussão iniciada e interrom-



entre cientistas e teólogos. A posição conservadora é normativamente condenatória, enquanto a liberal é tolerante e os evangélicos estabelecem uma diferença entre a inversão (inclinação involuntária) e a perversão (prática por opção), aceitando a primeira e condenando a segunda. A ênfase na normatividade heteroerótica não deve ser acompanhada de uma homofobia, ou seja, um preconceito ou agressão à pessoa.

d) O divórcio: A urbanização, a universalização da educação, a entrada da mulher no mercado de trabalho, os anti-concepcionais e a flexibilização da legislação, ao alterarem o modelo familiar, concorrem para o aumento das taxas de divórcio. Esse é o quadro,

do que entre seus irmãos de outros países, inclusive latino-americanos. O tratamento protestante, na maioria dos casos, ainda é legalista (quem é o "culpado") e nos falta uma maior reflexão pastoral sobre o tema, a dolorosidade da transição, o recomeço e a nova rede de vínculos familiares que começam a existir.

e) Pornografia e violência: Há um pêndulo histórico entre as épocas permissivas e as épocas repressivas. A violência sexual pode ter várias causas: a) psicopatologias (taras, psicopatias); b) uma das faces da expressão da violência urbana; c) ausência de educação sexual e formação equilibrada; d) grito selvagem do sexualmente reprimido. A pornografia é hoje uma das indústrias do capita-

pida à época da Reforma sobre o significado do rito matrimonial: seu caráter sacramental ou não, a validade ou não da exigência para um rito civil e um rito religioso, a validade ou não do próprio conteúdo desses ritos como, por exemplo, o juramento exigido aos noivos. Há uma opinião crescente entre os pensadores de que a natureza teológica do casamento (sentimento + compromisso) torna acessórios e relativiza as exigências culturais, eclesiásticas e civis e que, por outro, o estrito cumprimento destes últimos pode não caracterizar o primeiro. O posicionamento de Lutero, retomado, na atualidade por várias igrejas, após histórica decisão do Sínodo da Igreja Suíça, vem distinguir relações pré-cerimoniais de rela-

ções pré-conjugais, incluindo-se a fornicação. Exigências financeiras, de símbolos de status, impedimentos legais conjunturais, oposições familiares e barreiras sociais têm conduzido a um aumento crescente das relações pré-cerimoniais, particularmente depois da disseminação de estabelecimentos hoteleiros especializados, que têm ocorrido, positivamente, para a redução da prostituição.

Essa prática está instalada em nossas igrejas, especialmente na sua juventude, sem que tenha sido elaborada nem em plano teológico nem no plano pastoral.

CONSCIÊNCIA, DIVERSIDADE, CONFLITO

O Ocidente atingiu os meados do século XX com uma cultura solidamente machista: a hegemonia autoritária masculina, a família patriarcal e um papel subalterno para a mulher. Na esteira da revolução sexual, e em reação ao machismo, surgiu o movimento feminista, que, tomando como padrão às avessas o masculino, conheceu momentos de agressivo radicalismo, negando-se, até mesmo, a existência de diferenças naturais, e a existência, em cada época e cultura, de uma feminilidade. O processo foi mais rápido e extremista no Primeiro Mundo, e mais gradual e moderado no Terceiro Mundo. O risco que se tem vivenciado é o da mera substituição impositiva dos padrões machistas pelos feministas, o mando autoritário do homem (e sua visão de mundo e idiossincrasias) pelo da mulher.

Os anos de 1990, por sua vez, têm sido proclamados, pelos adeptos do homoerótismo,

como a "década gay & lésbica", em termos de visibilidade, reivindicação de espaço e audiência, de defesa de sua maneira de encarar as relações sociais.

À pressão feminista e homoerótica a reação dos homens tem sido de perplexidade, insegurança e falta de uma articulação de um masculinismo, que possa interagir, em conflito ou cooperação, com os outros dois pontos de vista, na construção de uma nova cultura de relações entre os gêneros.

Há um despreparo em termos de formação psicológica e técnicas de aconselhamento na maioria dos pastores

Nas diversas partes do mundo, nas diversas classes e grupos sociais, e entre diversos grupos de parceiros, o estágio e o modelo desse processo de mudança tendem a ser os mais diversos possíveis.

A Igreja é chamada a se pronunciar sobre essas mudanças e essa diversidade. A tradição neofundamentalista é machista, os liberais tendem a apoiar o feminismo e a articulação homoerótica e os evangélicos, a um novo tipo de masculinismo "civilizado": um conceito revisado da liderança masculina com dignidade feminina.

PÓS-MODERNIDADE, ECLESIOGÊNESE E EROGÊNESE

Estamos vivendo o doloroso parto de civilização pós-moderna. Com a pós-modernidade de tudo o que era "sólido" (uto-

pias, ideologia, sistemas), da "Era da Razão", está-se "desmanchando no ar". A primeira atitude é reacionária. Daí o "familismo" ser uma tendência detectada pelos sociólogos neste momento neotribal, do particularismo versus o universal, como couraça defensiva diante do novo. O apelo ao pré-moderno, ao tradicional terá o seu fugaz momento de nova glória nesse "reavivamento" conservador. Mas a dialética da história poderá pregar uma nova peça e estar a indicar o caminho da síntese do pós-moderno.

Conflitos, diferenças, diversidade, transição, dinamicidade, desafios. Parto de uma nova civilização da razão e da não-razão. Parto de uma nova igreja que descobre outras formas de opressão, que se libertará do fundamentalismo conservador e do fundamentalismo do antifundamentalismo. Parto de uma nova expressão erótica, que democratiza o prazer e suas formas de expressão.

A palavra-chave poderá ser diversidade: o arcaico, o moderno e o pós-moderno ainda haverão de conviver por muito tempo, e isso se refletirá na opção das diversas denominações cristãs e das correntes dentro delas. De repente arcaico não é apenas o tradicional, mas também o moderno. O Iluminismo agoniza.

Ouviremos vários discursos, de vários autores. Por uma nova civilização e por uma nova Igreja, Eros pede a palavra.

Robinson Cavalcanti é ministro anglicano e cientista político. É autor do livro *Libertação e Sexualidade*.

DICAS DE LEITURA

Livros

UMA BÊNÇÃ0 CHAMADA SEXO

Robinson Cavalcanti

São Paulo-SP, ABU Ed. 1976

Trabalho motivado por debates com estudantes secundaristas e universitários ligados à Aliança Bíblica Universitária (ABU). Oferece uma reflexão cristã sobre o tema da sexualidade.

LIBERTAÇÃO E SEXUALIDADE

Robinson Cavalcanti

São Paulo-SP, Campinas-SP, Temática Publicações & CEBEP, 1990, 143 pp.

Aprofunda o debate sobre o tema da sexualidade e apresenta-se como contribuição à construção ética do possível pela comunidade cristã.

SEXUALIDADE, LIBERTAÇÃO E FÉ

Rose Marie Muraro (Org.)

Petrópolis-RJ, Vozes, 1985, 124 pp.

Como seria uma sexualidade humanizadora para as grandes maiorias? Como seria uma moral individual realmente libertadora? Repensar a moral sexual do ponto de vista do oprimido é a proposta da autora.

OS LIMITES DA SEXUALIDADE

Jaci Maraschin

Tempo e Presença, (228), Rio de Janeiro-RJ, CEDI, mar 1988, pp 26-7

Reflexão filosófica e teológica sobre a sexualidade humana.

CORPOÉTICA: COSQUINHAS FILOSÓFICAS NO UMBIGO DA UTOPIA

José Lima Júnior

São Paulo-SP, Paulinas, 136 pp.

Discute a libertação do corpo oprimido como uma possibilidade desejada e uma caminhada constante rumo à maior dignidade possível dos corpos.

NAMORO: UMA CONVERSA SOBRE AMOR, PRAZER E FÉ
Evaldo Luis Pauly & Lodi U. Pauly
São Leopoldo-RS, Sinodal, 1988, 73 pp.

Aborda questões sobre a Sexualidade como áreas de vivência da liberdade cristã, que visam a construção da felicidade do "eu" e do "tu".

Artigos

REFLEXÕES SOBRE SEXUALIDADE E IDENTIDADE DA MULHER

Carmem Lora & Cecilia Barnechea

REB, 46(181), Petrópolis-RJ, Vozes, mar 1986, pp 100-21

Apresenta abordagens psicológicas para a reflexão teológica que leve em conta a relação homem-mulher como companheiros.

CONVERSÃO E CORPO

Jaci Maraschin

Estudos de Religião, (4), São Bernardo do Campo-SP, UNIMEP, nov 1986, pp 67-83

Reflete sobre a conversão e a repressão e afirma que a partir do corpo tem-se o reconhecimento do "outro", possibilidade aberta para a construção de uma sociedade fraterna.

MORAL SEXUAL MISSIONÁRIA DE PAULO

(Subsídios para uma moral do matrimônio no Brasil)

Leonard M. Martin

REB, 50(199), Petrópolis-RJ, Vozes, set/dez 1990, pp 515-36

Analisa a sexualidade e a vivência do matrimônio como

sacramento cristão, a partir da experiência de Paulo, privilegiando sua atitude ao conteúdo de seu discurso.

ATROPELOS DO PRAZER

Cecilia Simoneuti

Tempo e Presença, (240), Rio de Janeiro-RJ, CEDI, abr 1989, pp 15-16

Reflexão sobre prazer, sexualidade e comportamento de adolescentes.

ESPIRITUALIDADE

E SEXUALIDADE: UMA PERSPECTIVA RADICAL

Leonardo Boff

Revista de Cultura Vozes, 84(5), Petrópolis-RJ, Vozes, set/out 1990, pp 554-66

Descreve a espiritualidade com categorias da Psicologia e a sexualidade com categorias da Yoga. Conclui que sexualidade e espiritualidade radicalmente estendidas são nomes de um mesmo fenômeno.

SEXUALIDADE: EM BUSCA DE UMA NOVA ÉTICA

Lucia Ribeiro

Tempo e Presença, (248), Rio de Janeiro-RJ, CEDI, dez 1989, pp 16-8

Analisa as condições de vida das mulheres e as consequências para a sexualidade. Reflete sobre o caráter conservador da doutrina oficial da Igreja Católica com respeito à moral sexual.

CORPO: NOVO PONTO DE PARTIDA DA TEOLOGIA

Ivone Gebara

Tempo e Presença, (248), Rio de Janeiro-RJ, CEDI, dez 1989, pp 19-21

Analisa como a teologia cristã tradicional não considerou o corpo como temática a não ser no aspecto de negação. Propõe uma teologia do corpo como caminho de libertação.